



## **A visibilidade da cultura nordestina propiciada pela banda**

### **“Cordel do Fogo Encantado”<sup>1</sup>**

GONÇALVES, Tamires Löw<sup>2</sup>

GONZALES, Natália dos Santos<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP<sup>4</sup>

#### **RESUMO**

Como forma de analisar aspectos da Cultura Popular e da Cultura Industrializada, apontaremos um breve histórico do surgimento da literatura de cordel, juntamente com a apresentação de suas principais características; e também da música no Brasil analisando a influência da indústria cultural no âmbito musical. A escolha do grupo pernambucano “Cordel do Fogo Encantado” como instrumento de análise deu-se por meio da grande influência que a literatura de cordel e a cultura nordestina exercem sobre eles. A banda, entretanto, em suas letras, transcende a lógica de que tudo é somente mercadoria, trazendo para as outras regiões do país a história e a cultura dessa região que devem ser transmitidas e preservadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** indústria cultural, cultura nordestina, literatura de cordel, tradição, Cordel do Fogo Encantado.

#### **As interfaces da cultura popular e industrializada**

O termo Indústria Cultural criado pelos frankfurtianos – com destaque para Adorno e Horkheimer - detém como intuito principal mostrar que a cultura divulgada, exposta e apresentada pelas mídias é massificadora, obedecendo a critérios das camadas ricas e detentoras de informação. Inserida nesse contexto, a literatura enfrenta o poder das expressões artísticas não-verbais, como cinema e televisão, da indústria de massa e literaturas meramente comerciais, sem nenhuma visão crítica sobre os assuntos abordados e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas da Unesp-Bauru, email: tatalow1@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas da Unesp-Bauru, email: natygonzales15@hotmail.com

<sup>4</sup> Profa. Dra. Maria Antônia Vieira Soares, orientadora do presente trabalho.



sem trabalhar especificidades. Neste mesmo âmbito, analisamos a música tendo como referência a literatura de cordel, uma forma diferente de abordar a cultura tradicional do Nordeste, disseminando-a em outras regiões do país e transcendendo sua condição de mera mercadoria.

Tratando-se de cultura, Arantes (1981) considera que podemos estudar cultura popular por meio das suas duas principais vertentes: a negação de que fatos identificados por ela possuem certa quantidade de conteúdo agregado, e/ou, pelo seu papel de resistência contra a dominação de uma determinada classe.

Refletindo mais sobre o real significado do termo “cultura popular”, chega-se a uma comum associação com o termo “tradição”. Isto nos remete a pensar que o auge dessa cultura encontra-se no passado, fazendo com que as modificações que ocorrem ao longo do tempo a tornem empobrecedora.

A partir desse ponto de vista surge uma “outra” cultura, que se apresenta como totalidade, algo já acabado, e não como uma permanente construção, a qual depende da justaposição de elementos residuais e fragmentários que foram resistentes a um processo de deteriorização. Embora a luta pela tradição seja recorrente, não se consegue, em um todo, não agregar nenhum tipo de conotação ao que é reconstituído.

Para que se entenda a cultura no sentido dialético, é necessário que ela seja pensada no presente e no plural, partindo-se de uma concepção não concluída e dinâmica. Faz-se necessário ter em mente que a “cultura” é fruto de processos históricos e atuais múltiplos, uma vez que ela constitui os diversos núcleos de identidade dos vários agrupamentos humanos, ao mesmo tempo em que os diferencia uns dos outros.

Chegamos a um ponto, no qual a cultura passa a ser fruto da industrialização e urbanização. Podemos denominá-la cultura industrial que se apresenta como repetitiva, superficial, e padronizada, anula as realidades profundas e os prazeres simples por meio de seus produtos culturais triviais e confortadores.

Levando-se em conta tanto o ponto de vista social e histórico, a cultura popular pode atravessar a cultura de massa a partir do momento que ela toma seus elementos e transforma esse cotidiano em arte, assimilando seus novos significados a um fluxo dialético e contínuo. Vale ressaltar que para tanto, a memória popular deve se transformar em vivência, pois, somente dessa forma, fica assegurada a sua permanência através de suas representações e formatos.



Assim, não se pode afirmar que o fim da cultura popular virá com o avanço da cultura industrializada, nem devemos perder a esperança de que no futuro nossos descendentes saibam de nossas tradições e costumes.

### **Valor de uso acima do valor de troca: a resistência da literatura de cordel na indústria cultural**

A maior parte da produção artística atualmente é oferecida aos consumidores como uma mercadoria meramente descartável para diversão momentânea e tem como único objetivo o lucro. “Para muitos, o maior malefício trazido à cultura pelos meios de comunicação de massa tem sido a banalização cultural e a redução da realidade à mera condição de espetáculo” (CHAUI, 2006, p.14). Porém, ainda há a arte feita com a finalidade de expressar sentimentos, angústias inerentes aos conflitos do ser humano.

Ao estudar as diferentes formas de mercadorias disponíveis ao consumo do homem, Karl Marx as diferencia em duas vertentes: *o valor de troca*, que designa um elemento relacionado à quantidade, representado pelo tempo gasto para realizar a produção da mercadoria, tal valor se demonstra quando há o ato de troca, com a existência de um valor pra tal; e *o valor de uso*, é a competência que uma mercadoria tem de satisfazer as necessidades de qualquer que seja seu tipo de consumidor, a mercadoria possui qualidades físicas e tem uma relação qualitativa e evidentemente utilitária a um indivíduo.

Porém, a economia inserida no modo de produção capitalista tende a influenciar a substituição do valor de uso pelo valor de troca na consciência dos produtores, levando a posterior substituição do qualitativo pelo quantitativo.

(...) são absorvidos pelas pessoas como realidades que encobrem a natureza e assumem seu status. Existem gêneros de mercadoria dos quais as pessoas, nas sociedades capitalista atuais, não têm mais nenhum conceito de valor de uso (MARCONDES, 1988, p.175).

São dessas características presentes no valor de troca que se vale a maioria dos produtores ao produzirem suas mercadorias. Porém, há formas de valor de uso que se manifestam ainda, mesmo incluídas na contextualização da indústria cultural.

Neste quadro que se encaixam diversas formas, por exemplo, de cultura popular no Brasil, tais como, o maracatu, a festa do bumba-meu-boi e a riqueza da literatura de cordel que será mais bem especificada a seguir.



Desta forma de cultura, não se tem ainda uma data precisa de seu surgimento, porém sabe-se que “foi assimilada em Portugal antes do século XVII, como originária dos romances tradicionais que aqui chegaram também nos séculos XVI e XVII por meio dos nossos colonizadores” (PROENÇA, 1976, p.23). Esse nome, cordel é explicado pela “simplicidade e o cunho popular que acompanham o cordel e se evidencia desde o próprio nome: corda muito delgada, cordão, guita, barbante” (PROENÇA, 1976, p.18).

Os cordéis apresentam aspectos muito interessantes, a saber: as gravuras, geralmente presentes nas capas dos folhetos, são xilogravuras que representam uma importante herança do imaginário popular; a tamanha importância na conservação das identidades locais e tradições da literatura regional, colaborando para a preservação do folclore nacional; atingem um grande número de exemplares, fato que coopera com a propagação de hábitos de leitura. Os temas geralmente abordados nos cordéis incluem fatos cotidianos, lendas, fatos históricos, religião entre outros.

Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; (...). Mas ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população. Antes que o jornal se espalhasse, a literatura de cordel era a fonte de informação (...) (PROENÇA, 1976, p.28).

Por meio dessa resistência, de certos movimentos presentes na cultura popular, é possível que a população brasileira conheça as tradições de seu país a fim de construir/consolidar a identidade cultural brasileira, esta que vem sendo perdida ao ser cada vez mais miscigenada com outras culturas. “(...) a prática da cultura popular pode tomar a forma de resistência e introduzir a “desordem” na ordem, abrir brechas, caminhar pelos poros e pelos interstícios da sociedade brasileira (...)” (CHAUI, 1987, p.178).

Outra forma de possibilidade de resistência cultural pode ser feita por meio da música que tem o poder de absorver e disseminar referências a eventos, personalidades históricas, tradições, costumes ou práticas de uma determinada região, ou seja, todo e qualquer tipo de produção cultural que possa existir. Tal fato exemplifica a importância da música como manifestação cultural e como agente propagador das diversidades culturais que existem em um país de tamanha grandeza e heterogeneidade como o Brasil. A música popular distingue-se da música folclórica por ser escrita e



comercializada como uma “comodidade”, sendo a evolução natural da música folclórica, transmitida ao longo das gerações.

### **A fabulosa arte do conjunto musical Cordel do Fogo Encantado**

Quando se fala da banda Cordel do Fogo Encantado não se pode utilizar classificações comuns, pois, segundo o conjunto musical, eles não se enquadram nestes tipos de divisões. Sabe-se que, mesmo com intenções de trazer um estilo musical “novo”, a banda está vinculada ao sistema capitalista, enquadrando-se no tipo de música com fins lucrativos, sendo assim, ela é uma ferramenta do mercado.

O espetáculo Cordel do Fogo Encantado nasceu em 1997 na cidade de Arcoverde. Era formado inicialmente por Lira Paes, Clayton Barros e Emerson Calado. Em Recife, o grupo ganhou mais duas adesões: Nego Henrique e Rafa Almeida, o ingresso desses integrantes mudou a trajetória do grupo que, por dois anos, percorreu o interior do estado com sucesso de público. O nordeste trazido pela banda é diferente do nordeste de Luíz Gonzaga, Ariano Suassuna, Alceu Valença e até mesmo do movimento “mangue beat”, que foi responsável pela fusão entre tradição e modernidade.

Mas a forma como a gente trata a cultura é diferente, com essa história de releitura e resgate que estávamos falando. Procuramos expressar uma nova geração vinda do sertão e tendo aquelas manifestações todas como uma coisa super criativa e super positiva. E tentar seguir o mesmo caminho, não o mesmo caminho musical e reprodutivo, mas o mesmo caminho criativo <sup>5</sup>.

Segundo a revista “Carta Capital”, de quatro de outubro de dois mil e seis, os cinco compositores-percussionistas-repentistas-rockeiros-músicos-poetas-atores-artistas comportam-se como habitantes de um lugar imaginário e transitório, que Lirinha, vocalista, gosta de chamar de “Interlândia”. Interlândia, assim, pode ser o Nordeste ou até mesmo São Paulo, mas a Interlândia que gerou essa arte, dita inclassificável por muitos, é a cidade de Arcoverde.

*Almeida - Se Arcoverde é uma cidade-dormitório, quem acabou ficando por lá? Que pessoas acabaram criando a identidade da cidade?*

Lirinha:- A identidade acabou sendo formada por essa movimentação.

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada por Dafne Sampaio, Daniel Almeida, Marta, Max Eluard Ricardo Tacioli e Sérgio Seabra. Disponível em: [www.gafieiras.com.br/Display.php?Area=Entrevistas&SubArea=EntrevistasPartes&ID=7&IDArtista=7&css=1&ParteNo=18](http://www.gafieiras.com.br/Display.php?Area=Entrevistas&SubArea=EntrevistasPartes&ID=7&IDArtista=7&css=1&ParteNo=18) Acessado em: 20/08/08.



É uma cidade de um sincretismo religioso exagerado e interessante, porque as pessoas que entram nos únicos terreiros ligados à religião africana são aquelas que também participam da missa dominical. É uma cidade que, ao mesmo tempo, vive em contato com todo o resto do mundo - até pela Internet -, mas tem muita dificuldade de mandar mensagem. Então, é uma cidade muito importante na região, mas se sumisse do mapa não faria falta nenhuma ao mundo. Ela tem essa característica especial: é uma cidade onde as pessoas nascem, se desenvolvem, criam vários sonhos, mas essa é uma perspectiva que morre automaticamente ali junto com a vida da pessoa. Clayton: A vista acaba na serra. Agora, pela influência desse povo que passou por lá, a arte é incrível. De um lado tem a aldeia dos índios Xucuru e as cidades por perto também tem uma movimentação artística devido aos índios e aos negros. Arcoverde tem um bairro, o Alto do Cruzeiro, que é o bairro dos negros. E tem um distrito do lado, Carábas, onde acontece o reisado, que é dos negros que moram lá e só vão para a cidade no dia de feira, que é o sábado<sup>6</sup>.

Mesmo inseridos nessa realidade, os músicos não sustentam o rótulo de banda regionalista, pois, segundo eles, tal denominação trazida por artistas nordestinos como Graciliano Ramos, Rachel de Queiróz, José Lins do Rego e Jorge Amado, congela a região em uma imagem de Sertão arcaico, antigo e conservador, o que não é real.

O que o Cordel do Fogo Encantado prega tanto na criação quanto na execução de suas músicas, é a liberdade dos indivíduos. É uma liberdade real para se atingir um determinado objetivo. O que possibilitou o entendimento da liberdade dos sentimentos foi a profunda marca deixada pelo teatro no que diz respeito à existência dessa banda na sua intenção, forma, visão e apresentação.

Em 1999, esse grupo fez uma opção para tornar-se banda. Quem sobe ao palco não são cinco personagens, mas sim, cinco músicos com os seus nomes em forma de banda, mais o elemento teatral está na origem do espetáculo. Eles fazem um roteiro que não é ligado ao tipo de música cantada, mas sim, a história que será contada. A iluminação é conceitualmente de teatro, muito clara e forte, embora com recursos de 'show'. No próprio desenrolar do concerto, está implícita a experiência da banda com o teatro, encontrando-se na tênue fronteira com a música.

O grupo foge de um conceito da memória musical da população. A percussão sempre na frente, a poesia sendo gritada, acho que é na verdade um encontro com algo muito estranho e no Brasil isso tem um efeito muito poderoso. Existe toda uma história de ligação da

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada por Dafne Sampaio, Daniel Almeida, Marta, Max Eluard Ricardo Tacioli e Sérgio Seabra. Disponível em: [www.gafieiras.com.br/Display.php?Area=Entrevistas&SubArea=EntrevistasPartes&ID=7&IDArtista=7&css=1&ParteNo=18](http://www.gafieiras.com.br/Display.php?Area=Entrevistas&SubArea=EntrevistasPartes&ID=7&IDArtista=7&css=1&ParteNo=18) Acessado em: 25/09/08



percussão com a coisa arcaica, com a coisa tradicionalista e tribal. E o grupo apresenta essa percussão com essa origem tão antiga. Às vezes com uma postura contemporânea, com uma sonoridade (volto a dizer) agressiva. Há elementos do grupo que amam o 'punk' e trazem um pouco disso para a banda<sup>7</sup>.

Fica explícito que o maior objetivo da banda é o de criação, de tentar trazer sons, ritmos, novas batidas, embora saibam que estarão repetindo modelos já existentes. Eles não levantam a “bandeira” da originalidade, mas sim, de um tipo de pensamento. Assim, os músicos não se assumem como pertencentes do “mangue beat” que nasceu no litoral, onde se fala em desentupir as veias do Recife. Segundo a banda, tudo se refere à capital de Pernambuco. O problema é que existe um fenômeno mundial em que as pessoas estão de “costas” voltadas para o interior e utilizam expressões como “a efervescência da cultura pernambucana” [que se refere apenas ao Recife]. Os músicos acreditam que em qualquer lugar existe gente fazendo música e poesia, que são coisas inerentes ao ser humano. “Na verdade, o movimento mangue foi legal para a gente ouvir, mas não tivemos muito acesso às coisas da região do litoral, pelo menos em Arcoverde”<sup>8</sup>.

A banda não foi influenciada apenas por esse movimento, a própria literatura de Cordel tem seu grande espaço no espetáculo.

Essa poesia que está mais presente no Cordel do Fogo Encantado não é necessariamente a poesia do cordel, da literatura de cordel. Literatura de cordel era herança escrita. O que caracteriza o cordel? Inclusive é uma avaliação pejorativa, uma palavra de quem estuda. Nenhum poeta diz "Eu faço literatura de cordel". Hoje é que eles estão dizendo isso, mas devido a esse 100 anos de cordel, no SESC Pompéia, que foi uma coisa assombrosa e que trouxe todos os cordelistas e poetas que existiam. Então, eles começaram a incorporar isso ao discurso deles. "Faço literatura de cordel", mas ninguém dizia isso. Dizia "Faço folheto", "Faço poesia", "Faço romance" e pendurava em cordões. Essa origem vem de quem estuda, dos folcloristas, do Câmara Cascudo, é uma interpretação intelectual e pejorativa. Literatura de cordão, literatura de cordel, pendurado num cordão, é só essa a definição. Então, não foi bem essa que fez a cabeça da gente, nem que deu a origem ao grupo. A palavra cordel surge no grupo como uma homenagem, como idéia, como sinônimo de história. Como se fosse "A história do Fogo Encantado", "Cordel do Fogo Encantado", utilizando uma metáfora de que a gente estaria expondo num cordão de uma imensa feira, que é o mundo, a nossa poesia e a nossa música. Então, estaria exposto nesse cordão, utilizando até a

---

<sup>7</sup> FONTE: <http://cronicasdaterra.com/cronicas/2007/06/15/cordel-do-fogo-encantado-a-efervescencia-da-cultura-do-interior-nordestino/> Entrevista realizada por Luíz Rei, em 15 de junho de 2007. Acessado em 20/08/08

<sup>8</sup> FONTE: <http://cronicasdaterra.com/cronicas/2007/06/15/cordel-do-fogo-encantado-a-efervescencia-da-cultura-do-interior-nordestino/> Acessado em: 26/09/08



imagem pejorativa, assumindo como uma coisa de venda, de exposição, de tratamento numa feira onde passam várias pessoas. A idéia dessa poesia, dessa análise da poesia oral, da poesia escrita, ainda pertence a um grupo muito restrito [...] <sup>9</sup>.

O Cordel do Fogo Encantado não fala em “cordel” no sentido de literatura, mas sim como “cordão”, “literatura de cordão”. Os portugueses e os espanhóis, na época da colonização, deram esse nome a essa literatura que se pendurava nas feiras de cordel. Ela chegou a todo o Brasil e desenvolveu-se de forma impressionante no Sertão. Há uma centena de gêneros de métrica e rima como a sextilha, sete linhas, mourão voltado, decassílabo, galope à beira mar, galope alagoano.

Desenvolveu-se desta forma impressionante nesta região e ficou inerte em outras regiões do Brasil e, inclusive, em Portugal. Outro fato interessante é a herança moura herdada pelos portugueses, que hoje está presente na música nordestina como a rabeca, a sanfona, talvez até mais na música brasileira atual do que na de Portugal. A literatura de cordel não é a poesia improvisada. Cordel é uma poesia exposta à venda e que tem as suas regras, é uma literatura que teve o seu auge na década de trinta, e perdeu muita força, pois ocupava a função dos meios de comunicação de massa. Depois do jantar, as pessoas reuniam-se para ler cordel, fato que hoje já não ocorre mais.

Perguntam muito se nós somos responsáveis pelo reavivar do cordel. Não é possível, o cordel não voltará. Isso é saudosismo. Ele vai-se transformar em outras coisas e vai estar presente na sua alma <sup>10</sup>.

Mesmo com essa visão da banda, a presença da tradição oral, a qual possui a temática e o universo do cordel, é muito claro nas letras de suas músicas, o imaginário nordestino como um todo, possui grande espaço no repertório, sendo evidenciado por alusões a Lampião e ao cangaço. Assim, temas tradicionais da literatura de cordel, na qual se encontram tanto uma tradição folclórica (anônima) quanto popular (cuja autoria pode se identificar), estão diretamente ligadas as canções do conjunto musical.

Para exemplificar essa forte presença, podemos destacar músicas como *Chover*, na qual aparecem versos de cordelistas como Bio Gomes e João Paraibano, ou *Ai se*

---

<sup>9</sup> Fonte :

<http://www.gafieiras.com.br/Display.php?Area=Entrevistas&SubArea=EntrevistasPartes&ID=7&IDArtista=7&css=1&ParteNo=18>

Entrevista realizada por Dafne Sampaio, Daniel Almeida, Marta, Max Eluard Ricardo Tacioli e Sérgio Seabra na noite de 06 de maio de 2002, uma segunda-feira, no cybercafé Na Rede, em São Paulo.

<sup>10</sup> FONTE: <http://cronicasdaterra.com/cronicas/2007/06/15/cordel-do-fogo-encantado-a-efervescencia-da-cultura-do-interior-nordestino/>

Entrevista realizada por Luíz Rei, em 15 de junho de 2007.



sêsse, que é um poema de Zé da Luz declamado por Lirinha, no qual se observa a beleza lingüística do português não-padrão.

No *Cordel do Fogo Encantado* coexistem outras formas de tradição oral, além da literatura de cordel: a herança negra das religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda; as cantigas populares das romarias e reisados e alguns elementos indígenas. Nos rituais de candomblé e umbanda, a percussão é presença constante e uma influência que os próprios integrantes da banda foram buscar: seus percussionistas trazem a vivência dos terreiros em sua trajetória musical. O batuque do tambor repete-se em várias músicas, entre elas: *Poeira* (“Tambor ritmado”) e *Boi luzeiro* (“Eu fico aqui esperando outro batuque”). Já as contribuições indígenas estão presentes em *Profecia*, música que traz previsões do Pajé Cauã da tribo dos Xucurus em *Antes dos Mouros* (“Antes do peito dos mouros/ do toré do mato verde”).

### **Considerações Finais**

Espera-se que o conjunto musical não seja seduzido pela indústria cultural e mantenha seu real valor de uso, considerando não apenas o valor de troca, este que visa somente o lucro. E, a partir disso, continuem sendo um instrumento de conscientização contra a dominação da ideologia capitalista.

A crítica não encontra definições para a música que faz o *Cordel do Fogo Encantado*, pois não é regional, popular ou tradicional. Enfrentando preconceitos por sua origem, talvez caiba ao grupo se consolidar não como música regional nordestina, senão como brasileira, no mesmo processo de apagamento das marcas identitárias das minorias exposto por Prandi. Seria uma pena se, com isso, a memória tão rica daquilo que fomos fosse substituída por aquilo que somos, isso já tão veiculado e registrado pela grande mídia<sup>11</sup>.

Apesar de estar inserida nessa lógica capitalista, a banda transcende essa realidade através de suas letras vinculadas às questões sociais do nordeste. As tradições indígenas do povo Xucuru, do Candomblé e as suas apresentações que misturam teatro e música constituem o “Show- Espetáculo” do Cordel.

O vocalista do grupo, Lirinha, ao recitar poesias de cordelistas famosos como Zé da Luz, Bio Gomes e João Paraibano, reforça a noção de que a banda consegue

---

<sup>11</sup> FONTE: [http://www.apecbcn.org/ActasXseminario\\_2005.pdf#page=82](http://www.apecbcn.org/ActasXseminario_2005.pdf#page=82) Acesso em : 12/09/08



sobreviver nas brechas do capitalismo, proporcionando para a população o conhecimento da tradição e da cultura nordestina.

A visibilidade que esse grupo possui nas regiões nordeste do país é muito maior que nas outras devido, principalmente, à cultura nordestina presente no conjunto de suas obras. É importante levar em consideração que o espaço que o Cordel do Fogo Encantado está conseguindo ganhar nessas outras regiões é maior a cada dia, a cada apresentação da banda. Segundo os músicos, o público é bem variado, há sempre os “fãs de carteirinha” que estão presentes em todas as apresentações, e há também aqueles que vão nos shows por curiosidade.

É imprescindível a importância dessa crescente visibilidade da banda em outras regiões, no que diz respeito à manutenção da cultura. Muitas pessoas que não conheciam as tradições expressas nas músicas do Cordel hoje respeitam e até se aprofundam no seu estudo.

A própria Literatura de Cordel ganha grande espaço com a veiculação da produção musical do Cordel, passando a ser conhecida principalmente no Sudeste. Atualmente, nessa região, possuem concursos para cordelistas que escrevem sobre diversos assuntos, como a urbanização e a parte cosmopolita das grandes capitais, o que comprova a luta pela preservação dessa cultura.

Assim, compreende-se que a música, mais do que qualquer outra manifestação humana, possui o poder de conservar e disseminar diferentes tipos de cultura, buscando atingir regiões e públicos distintos.

A partir dessa reflexão encontramos em uma adaptação da cultura popular de nosso país algo que representa a utilização dessa indústria a favor da cultura progressiva, contrariando sua estrutura.

A escolha da banda “Cordel do fogo encantado” teve o propósito de apresentar um estudo sobre a indústria cultural a partir de uma releitura da Escola de Frankfurt. Fizemos uma análise sob a ótica de um produto dessa indústria, a música, que pôde transcender seu valor de troca. A banda consegue disseminar a cultura popular nordestina com suas músicas, levando o conhecimento de outras regiões com uma cultura tradicional de nosso país.

Nas músicas da banda, é perceptível a presença de características típicas da cultura do nordestino, tornando-se assim mais do que um simples produto de entretenimento, um estímulo ao imaginário de forma benéfica. As canções nos remetem



a uma realidade diferente da região sudeste, em forma de arte, e não como aprendemos no ensino básico. Assim, podemos ter um novo contato com essa cultura, por meio de textos de poetas desconhecidos, porém brilhantes.

A disseminação dessa cultura é feita através da música, e o fato de esta ser produto da indústria cultural nos levou a uma análise profunda sobre a contradição existente nessa relação. Ao escolhermos como estudo de caso um produto que transcende os ideais da indústria cultural, conseguimos ter uma nova visão sobre o assunto. Vale ressaltar que não podemos nos deixar levar por uma imagem da indústria como disseminadora da cultura. Na maioria dos casos, e em sua base, essa indústria tem o foco na homogeneização das idéias ofuscando o individualismo e as relações interpessoais. As evoluções fazem com que a cultura popular se adapte às novas condições impostas, mas sem perder sua essência, a fim de não desaparecerem e ser levada ao conhecimento de outras pessoas. Assim como a indústria cultural não pode ser analisada apenas de um ponto de vista, a cultura deve evoluir sem abandonar suas características originais. O mundo está em constante mutação e evoluir com ele é primordial para a sobrevivência, sem necessidade de desprender-se totalmente de suas origens.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor w. & HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1969.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 14<sup>a</sup> ed. 1990.

BRANDÃO, Théo; CARNEIRO, Renato Campos; JUNIOR, Manuel Diegues; PROENÇA, M. Cavalcanti. **Literatura de Cordel**. São Paulo: USP – ECA, 1971.

BOSI, Ecléia. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. Petrópolis: Editora Vozes, 10<sup>a</sup> ed. 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Simulacro e Poder**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2<sup>a</sup>ed. 2008.

COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Nacional, 1971.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.



MARCONDES FILHO, Ciro. **Ideologia**. São Paulo: Global, 7.ed., 1985.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem da Sedução: A Conquista das Consciências Pela Fantasia**. São Paulo: Perspectiva, 2.ed., 1988.

\_\_\_\_\_. **Política e Imaginário nos meios de comunicação para massas no Brasil**. São Paulo: Editora Summus, 1985.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª ed. 1990.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.